

A PESQUISA-AÇÃO COMO COMPLEMENTO À ESCUTA ALTERITÁRIA¹

The Action-Research as a complement to the Aterity Listen

Patrick Pereira

Faculdade Jaguariúna

Regina Maringoni de Oliveira

Faculdade Jaguariúna

Resumo: O professor deve estar aberto às particulares de seus alunos e grupos, planejando suas aulas a partir destas. Este trabalho objetiva descrever uma estratégia de avaliação da subjetividade de alunos, com o intuito de melhorar a prática do professor. A estratégia utilizada tem como referencial a pesquisa-ação conforme descrita por David Tripp e sua aplicabilidade nesse contexto se compreende como um complemento à escuta Alteritária, uma vez que visa 'escutar' os alunos, para entendê-los e respeitar suas idiosincrasias. A pesquisa ação se mostrou uma técnica importante para o estabelecimento de uma escuta Alteritária, da compreensão dos alunos e melhora da prática pedagógica na sala de aula.

Palavras-chave: Escuta Alteritária. Pesquisa-Ação. Relação Professor-Aluno.

Abstract: The teacher must be open to his groups and students individuality, planning his lessons from it. This paper aims to describe a strategy for evaluating the subjectivity of students, in order to improve the teacher's practice. The strategy used has as referential the action research as described by David Tripp, and its applicability in this context is understood as a complement to Alterity Listen, as it aims to 'listen' the students, to understand them and respect their idiosyncrasies. The action research has proven an important technique for establishing the Alterity Listen, the students' understanding and improvement of pedagogical practice in the classroom.

Keywords: Alterity Listen. Research Action. Teacher-Student Relationship.

INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento na sala de aula pressupõe uma interação constante entre professor e aluno, pois ambos se desenvolvem a cada encontro. Por isso é importante não apenas que o aluno seja avaliado quanto ao seu desempenho, mas também o educador avaliar sua postura e método, a partir da visão de seus alunos. Cada sala compõe um grupo com características únicas, e o uso de

¹ O resumo deste trabalho foi apresentado no VI Seminário Fala OUTRA Escola: Diálogo e conflito. Por uma escuta alteritária. Faculdade de Educação, UNICAMP – Campinas, 2013.

diferentes métodos pode contribuir para a construção coletiva e eficiente do conteúdo programado. Como nos coloca Paulo Freire:

[...] no compromisso do profissional, seja ele qual for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos (FREIRE 1983, p.21).

Portanto, é essencial que o professor entenda a dinâmica de sua sala e atue a partir dela, ao invés de reproduzir os modelos de atuação dos seus próprios educadores, perpetuando-os geração após geração, sem ponderar o contexto atual dos alunos em questão. Por este motivo, Paulo Freire destaca a importância da humildade no professor, que jamais, como qualquer outro profissional, terá o pleno conhecimento de sua área, e nem mesmo um agir pronto e eficiente para todos os contextos. Assim, ensinar é um constante aprender a respeito do outro, que traz consigo suas idiossincrasias que interferem no processo de aprendizagem.

Considerando essa problemática, não é possível discutir como ocorre a aprendizagem de forma generalizada, pois ela se dá de forma diferente em cada aluno (ALMEIDA e GRUBISICH, 2011). Por isso, é essencial a aproximação do educador com seus educandos, entendendo-os e respeitando-os. Nesse sentido, o diálogo é uma das principais práticas que o educador deve estabelecer com seus alunos (FREIRE, 1984), pois, através deste se dará a relação entre ambos, e o compromisso do ensino e da aprendizagem será fortalecido.

Nesse sentido, Freire destaca a dimensão dialógica da aprendizagem:

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história (FREIRE, 1996, p10).

A preocupação em melhorar a prática pedagógica, caracteriza uma relação de respeito entre educador e aluno, e pressupõe a Escuta Alteritária, na qual um deve se colocar no lugar do outro, expondo e respeitando as opiniões alheias (COMISSÃO ORGANIZADORA - VI FALA OUTRA ESCOLA 2013), de forma que o educador entenda a relação existente entre sua prática e o esperado na opinião de seus alunos.

No entanto, se a Escuta Alteritária ainda não compreende uma prática comum no ambiente em questão, faz-se necessário criar estratégias que permitam ao aluno expressar seus julgamentos a respeito da prática do educador, criando espaço e fortalecendo a Escuta Alteritária. Como nos apontam Ribeiro e Ribeiro (2011), o professor deve refletir sobre sua atuação, e vê-la a partir do olhar do outro, para então inovar em sua prática.

O presente trabalho tem por objetivo descrever uma avaliação da atuação do professor (autor deste artigo), através da compreensão de seus alunos e da expectativa destes quanto ao relacionamento interpessoal com o professor e a prática pedagógica em sala, no intuito de melhorar a atuação docente e facilitar a construção de um ambiente onde a Escuta Alteritária se faz presente.

METODOLOGIA

Partindo-se da técnica de Pesquisa-Ação descrita por Tripp (2011), os alunos participaram ativamente da avaliação da prática do educador. Segundo esse autor esse método corresponde a um pesquisar sobre sua própria prática, no intuito de identificar os pontos de convergência ou divergência entre a estratégia adotada e o objetivo esperado.

Foi elaborado um questionário e aplicado nos 1º e 2º ano do Ensino Médio com o intuito de aperfeiçoar a atuação do educador em sala.

Através do questionário, buscou-se avaliar a percepção dos alunos quanto à escola, aos familiares, aos professores e a si próprios, visando identificar suas opiniões a respeito das relações interpessoais, no intuito de desempenhar um papel profissional em sala o mais próximo possível ao esperado pelos alunos.

O contexto é de uma escola privada da região da baixa mogiana no estado de São Paulo. O autor deste artigo é orientador profissional e tem um espaço semanal com cada ano do Ensino Médio em regime de aula, isto é, 45 minutos e uma média entre 15 a 20 alunos por sala.

O questionário² (anexo 1) foi aplicado em sala, contendo 25 questões abertas sobre a percepção dos alunos quanto a si próprios, à escola, aos professores, aos colegas e aos familiares, sendo que no final da folha havia uma orientação sobre a possibilidade de falarem abertamente sobre qualquer assunto

²O presente questionário pode ser aplicado integralmente ou adaptado, desde que citado sua fonte.

não tratado anteriormente. Também foram informados a respeito do objetivo do questionário, e por isso deveriam se identificar, omitindo apenas os nomes das pessoas a quem se referissem no questionário (professores, amigos, etc.), a menos que desejassem o contrário.

Desta forma, salvo algumas exceções, todas as perguntas foram respondidas pelos alunos presentes, superando a problemática que TRIPP (ibidem) aponta a respeito da adesão dos participantes na Pesquisa-Ação.

É importante destacar que o questionário abaixo apresentado, foi aplicado dois meses depois do primeiro contato do autor com os alunos, quando já havia um vínculo e confiança estabelecidos, e no dia da aplicação foi explicado que as respostas ficariam sob o sigilo garantido pelo Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005).

RESULTADOS

A partir das respostas obtidas, permitiu-se traçar uma proposta de possível aula ideal para cada sala, isto é, como os alunos entendiam que o educador e a escola deveriam agir, e como as aulas deveriam ser planejadas e conduzidas. Apesar de não haver perguntas diretivas sobre o professor ou sua aula, a interpretação das respostas serviu como um *feedback* dos alunos em relação ao modo como estavam sendo conduzidos os encontros, passando mais segurança em relação a alguns pontos, e apontando para possibilidades de melhorias em relação a outros.

Dar oportunidade aos alunos de se expressarem quanto à prática pedagógica na sala de aula é criar, para o professor, uma situação de exposição que facilita a construção de experiências muito ricas, tal como nos aponta Larrosa:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (2002, p.25).

O autor analisa que “experiência” difere da simples “informação”, expressão essa que banaliza-se pela conclamada “*Sociedade da Informação*”, muitas vezes repetida como jargão. Sem dar sentido e razão a essa informação, essa não se configura em real experiência, posto que, por sua superficialidade, não forma, e muito menos transforma.

O autor prossegue sua argumentação mostrando que as inúmeras possibilidades da experiência são limitadas, muitas vezes, pela *opinião* (entendida como senso comum) e pela *ilusão de participação*, promovida pelos meios de comunicação, que induzem a todos a tomarem posições frente a realidade nem sempre com uma reflexão profunda e abrangente, a qual, supõe-se, que pode ser promovida em sala de aula quando se abre ao diálogo.

Temos ainda para Larossa (idem) a experiência que é anulada pela falta de tempo em refletir e partilhar reflexão. Por mercantilizar o tempo como mercadoria, a sociedade atual tudo transforma em item consumível, e por isso, rapidamente perecível. O ritmo frenético da sociedade tecnológica capitalista torna ainda, segundo o autor, a experiência rareada pelo excesso de trabalho, que acaba por ser ação comandada, mas não aberta e verdadeiramente vivida.

O indivíduo, aqui pensado como aluno, que queremos não só informado, mas formado e transformado, deve ser pensado como um “sujeito de experiência”. A experiência fará sentido conquanto esse “sujeito” possa vir a “território de passagem” a novas ideias e vivências: receptivo, disponível, aberto ao diálogo.

Assim, concorda-se com Larossa (2002) que experiência deve ser capacidade de formação ou transformação. Esse conceito contrapõe-se à ideia atual do conhecimento como ciência, tecnologia, item consumível, apropriado meramente como mercadoria e não fazendo parte do vivido. Para esse filósofo, o “*saber da experiência*” é saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal; o que toma forma com o que e o quanto respondemos aos acontecimentos da vida e damos sentido a esse processo. Cada qual vivencia um acontecimento comum segundo o sentido que sua vida proporciona a esse, de acordo com sua história, subjetividade e vivências, e o que partilha é esse construto de saber, não a experiência em si.

Dessa forma, esse autor analisa que a experiência e o saber que dela deriva nos permite apropriar da nossa própria vida, dando à essa qualidade existencial.

Larossa (2002) demonstra-nos ainda que devemos distinguir o conceito de “experimento”, que segundo a concepção da ciência moderna, é uma dimensão

genérica; a experiência, é dimensão própria, singular. O experimento produz homogeneidade; a experiência é diferença, heterogeneidade e pluralidade.

Destaca-se ainda que para o autor o experimento é repetível, genérico, previsível, impositivo, conclusão de possibilidades, enquanto que a experiência é *“irrepetível, singular, dialógica, dimensão de incerteza, abertura ao novo e ao desconhecido”* (LAROSSA, 2002, p.28).

Destarte, a abordagem realizada com os alunos se norteou por essas proposições. As perguntas que não se referiam ao ambiente escolar, como as relacionadas às famílias ou aos próprios alunos, possibilitaram uma visão ampla a respeito da percepção do aluno quanto a si próprio e seu relacionamento interpessoal. Desta forma, restringir as perguntas ao contexto escolar apenas, possivelmente resultaria em um recorte da subjetividade do aluno.

Os estudantes relataram que se sentiam respeitados pelos professores, porém alguns se mostraram resistentes em responder principalmente as questões sobre os docentes, com medo de que suas respostas prejudicassem a relação com estes. Por isso a questão do sigilo teve que ser retomada. Esse fato expõe a insegurança na estabilidade de suas relações com os professores, o que demonstra que a Escuta Alteritária ainda encontra obstáculos para se estabelecer, mesmo tendo a escola uma postura favorável a ela. Esse fato talvez possa ser explicado pelo tipo de cultura que vivemos, em que os valores humanos e as relações de convivência nutrem o individualismo, o consumismo e a competitividade (DIAS, 1999), dificultando uma relação sincera e de expressão dos sentimentos de forma a resolvê-los de maneira assertiva.

Assim, não há como negar a suma importância que a escola têm na formação moral de seus alunos (OLIVEIRA, CAMINHA e FREITAS, 2010; PRADEL e DAÚ, 2009), uma vez que nela ocorrem os mais diversos conflitos que podem ser resolvidos de maneira a auxiliar os alunos no seu desenvolvimento moral (PEREIRA, MARQUES & JUSEVICIUS, 2013).

Através das respostas também apareceram alguns focos de tristeza e revolta, oriundas de conflitos familiares e peculiaridades características principalmente da fase de adolescência. Isso gerou a necessidade de uma devolutiva individual, para que estes pudessem se expressar de maneira mais específica. A devolutiva individual também propiciou ao autor maior entendimento

sobre alguns comportamentos dos alunos, bem como fortaleceu seu vínculo com estes, o que resultou em um melhor aproveitamento da aula.

CONCLUSÕES

Pode-se concluir que a avaliação da postura do educador pelos seus alunos, pode contribuir para melhorar sua prática pedagógica, aumentar seu vínculo com a sala, diminuir seu pré-julgamento a respeito de alguns comportamentos e aumentar o aproveitamento do tempo de aula. Além de propiciar aos alunos um momento de reflexão sobre si e sobre as relações interpessoais mais presentes em sua rotina, contribuindo para seu autoconhecimento.

A experiência vivida e sentida por esses alunos na escola e em suas relações interpessoais deve ser considerada no sentido proposto por Larossa (2002), enquanto viver e sentir próprio, singular, significativo.

Paiva e Lourenço (2011) apontam para a necessidade de o educador se implicar em construir um ambiente em sala no qual seja possível conhecer seus alunos e suas dificuldades, por mais diversas que forem. De acordo com estes autores, essa é uma estratégia que diminui o abandono escolar e aumenta o empenho dos alunos na aprendizagem, tornando-os sujeitos ativos de sua realidade. De acordo com Monteiro *et al* (2012), isso será possível se o professor conseguir estabelecer com seus alunos, uma relação subjetiva de qualidade.

Pelo exposto acima, caracteriza-se como de suma importância, o professor se afastar de seu objeto de trabalho para estudá-lo, e então aprimorá-lo. Realizando esta façanha estaremos sendo humanos, visto que de acordo com Paulo Freire, somos os únicos seres capazes de nos distanciarmos de nosso mundo, de nosso objeto, para compreendê-lo. Se esperamos que nossos alunos se esforcem, no mínimo tão grande deve ser o nosso próprio esforço, e dessa forma, devemos nos colocar no nível de nossos alunos, (FREIRE, 1980), respeitando-se o saber da experiência que o viver emana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. V. de; GRUBISICH, T. M.. O ensino e a aprendizagem na sala de aula numa perspectiva dialética. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 17, p. 55-65, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502011000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP 10/2005. **Aprova o Código de Ética do Psicólogo**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/cod_etica_novo.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2013.

COMISSÃO ORGANIZADORA – VI FALA OUTRA ESCOLA. Diálogo e Conflito: **Escuta Alteritária? Afinal de que falamos?** Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/EscutaAlteritaria-OrganizFala.pdf>>. Acesso em 05 maio 2013.

DIAS, A. A. Educação moral para a autonomia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 370-380, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200014>. Acesso em: 02 abr. 2011.

FREIRE, P.. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo. Moraes. 1980.

FREIRE, P.. **Educação e mudança**. 7ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983.

FREIRE, P.. **Educação como Prática da Liberdade**. 15ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Editora Paz e Terra, 1996 .

LARROSA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19. p. 20-28. jan./abr , 2002.

MONTEIRO, M. A. A. *et al* . A influência do discurso do professor na motivação e na interação social em sala de aula. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 18, n. 4, p.997-1010, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132012000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2013.

OLIVEIRA, G. M. de.; CAMINHA, I. de O.; FREITAS, C. M. S. M. de. Relações de convivência e princípios de justiça: a educação moral na escola. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 261- 270, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n2/a08v14n2.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

PAIVA, M. O. A. de; LOURENCO, A. A.. Rendimento acadêmico: influência do autoconceito e do ambiente de sala de aula. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 393-402, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2013.

PEREIRA, P., MARQUES, C. de A. E. & JUSEVICIUS, V. C. C. A Ação dos professores diante dos conflitos entre os alunos. **Intellectus**, v. 25 out./dez. 2013.

Disponível em: <http://revistaintellectus.com.br/EdicaoAnterior.aspx?id=43>. Acesso em: 10 fev. 2015.

PRADEL, C.; DAU, J. A. T. A Educação para valores e as políticas públicas educacionais. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 64, p. 521-548, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v17n64/v17n64a07.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, A. M. B.. A aula e a sala de aula: um espaço-tempo de produção de conhecimento. **Rev. Col. Bras. Cir.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 71-76, fev. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912011000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2013.

TRIPP, D.. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa.**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dez., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 05 maio 2013.

Sobre os autores:

Patrick Pereira

Psicólogo e pós-graduando em Psicopedagogia pela Faculdade Jaguariúna, atua nas áreas da Psicologia Educacional e Clínica. Membro do GEPPEM II - Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação Moral da UNICAMP e membro do GEMOBIAS – Grupo de Estudos de Mobilidade e Acessibilidade para Cidades Saudáveis da Faculdade Jaguariúna.

E-mail: contato@patrick.psc.br

Profa. Dra. Regina Maringoni

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1988), e graduação em Pedagogia (2001). Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1999), e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2005). Atualmente é Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Jaguariúna - FAJ e Supervisora Educacional da Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura Municipal de Campinas-SP.

E-mail: pedagogia@faj.br

Anexo 1 - Questionário individual de avaliação pessoal do aluno

Instruções: Responda as perguntas abaixo em uma folha de caderno com letra legível. É permitido rasuras bem como quaisquer formas de expressão visual. Ao final entregue as folhas junto desta.

Sobre você

- 1- O que faz você prestar atenção na aula?
- 2- O que faz com que você perca a atenção na aula?
- 3- Como seria a aula ideal?
- 4- Como seria um dia ideal para você?
- 5- O que você espera para os próximos anos?
- 6- O que você acha de você? Precisa mudar algo?

Sobre a escola

- 7- O que você espera da sua escola?
- 8- Do que você mais gosta na sua escola?
- 9- Do que você menos gosta em sua escola?
- 10- O que você aprendeu de mais importante nesta escola?

Pense no professor que você mais gosta e responda:

- 11- Quais são suas principais qualidades?
- 12- Quais são seus principais defeitos?

Pense no professor que você menos gosta e responda:

- 13- Quais são suas principais qualidades?
- 14- Quais são seus principais defeitos?
- 15- Em que medida você se sente respeitado pela escola em suas escolhas e desejos?
- 16- O que você acha de seus/suas colegas da escola?

Sobre sua família

- 17- O que há de melhor em seus pais ou familiares?
- 18- O que há de pior em seus pais e familiares?

19- Em que medida você se sente respeitado pela sua família em suas escolhas e desejos?

Sobre o seu futuro

20- Qual o seu interesse em entrar em uma faculdade?

21- O que espera encontrar em uma faculdade?

22- O que espera fazer em uma faculdade?

23- Em que você imagina que uma faculdade será diferente da escola?

24- Você se sente preparado para entrar em um curso superior?

25- O que você gostaria de ter visto ou aprendido na escola e não viu ou aprendeu?

Após responder todas as questões, sinta-se livre para se expressar sobre qualquer outro assunto.
